

## **Metodologias Visuais em Ciências Sociais e da Educação**

*Manuel Jacinto Sarmiento*

Instituto da Educação- Universidade do Minho

“The picture is a symbol that brings one immediately into close touch with reality. It tells a story packed into the most condensed and vital form. Indeed, it is even more effective than the reality would have been because, in the picture, the non-essential and conflicting interests have been eliminated.” (Hine, 1970 [1908])

Enquanto percorria as fábricas, minas e grandes latifúndios à procura de imagens do trabalho infantil, ou subia os arranha-céus nova-iorquinos, na perseguição dos operários ícaros alçados em cabos de aço ou sentados em descanso sobre as vigas dos edifícios em construção, o sociólogo Lewis Hine teorizava sobre o uso da imagem fotográfica como fonte de conhecimento, desafiando a ciência “normal” e lançando as bases para a produção de ciências sociais capazes não apenas de testemunhar visualmente as suas proposições e “*insights*” mas de configurar pela linguagem dos sentidos as suas propostas interpretativas da realidade social. Há uma evidente plasticidade nas fotos de Hine, alguns dos seus instantâneos adquiriram o estatuto de posters e aparecem desligados do contexto epistemológico que lhes deu origem e é, certamente, de arte que também falamos quando nos referimos à ciência fotográfica do sociólogo. Mas, sobretudo, o que nos retém é o sentido mesmo da intenção científica do autor.

“Contar uma história”, capaz de dar conta da realidade e, por isso, dependente do princípio da verosimilhança como condição da sua própria razão de ser, e contá-la através de imagens, configurando-se segundo códigos interpretativos que a linguagem verbal pode perseguir, mas não totalizar, constitui um programa epistemológico que

abraça o estético, mas que se inclui intencionalmente no âmbito da produção e ampliação do conhecimento do social. Uma epistemologia do “narrativo” e do “visual”, portanto. Uma epistemologia que teve muita dificuldade em se constituir, em desafiar convenções da ciência normal” e em apresentar-se como legitimamente fundante de formas de construir conhecimento<sup>1</sup>.

### **Breve nota sobre uma ausência persistente e uma emergência tardia**

Com efeito, o uso da imagem no trabalho científico e a mobilização das metodologias visuais tardou a aparecer e desenvolver-se no quadro das ciências sociais. O trabalho de Hine e de outros autores pioneiros (alguns dos quais, sobretudo antropólogos, referenciaremos adiante) inserem-se num debate epistemológico, que é inerente ao processo de constituição e desenvolvimento das ciências sociais. As metodologias visuais desenvolvem-se no âmbito da crítica anti-positivista que se desenvolve no interior das diversas disciplinas constitutivas do campo das ciências sociais e ganha um forte impulso com a emergência e desenvolvimento da antropologia visual, dos estudos culturais e dos estudos feministas (cf. Pink, 2007).

O que se encontra colocado em agenda, no momento inaugural das metodologias visuais, designadamente com a obra de Hine e de outros<sup>2</sup>, é o desenvolvimento da crítica da sociologia interpretativa ao pressuposto do paradigma positivista. Para este, a construção do conhecimento obtém-se pela radical exclusão do sujeito ante o objeto do conhecimento, através da adoção de procedimentos metodológicos que tendem para a “objetivação” absoluta que, supostamente, só é apresentável através da redução do real à linguagem abstrata dos números. Inserido no quadro dos sociólogos que, na primeira metade do século XX, procuraram construir uma sociologia próxima das classes populares e comprometida com a criação do bem-estar social, a ação pioneira dos

---

<sup>1</sup> Numa obra recente, escrevia-se o seguinte;

“[...] ao longo da história das ciências sociais, a contribuição da imagem para as tarefas de perscrutação da realidade social e da divulgação do conhecimento tem sido razoavelmente ignorada perante a autoridade da palavra.” (Campos, Brighenti & Spinelli, 2011: 5)

<sup>2</sup> Harper (1988) refere que entre 1920 e 1960 não se verificou nenhuma utilização da sociologia visual, pelo menos nos EUA, dada a preponderância da sociologia positivista e do facto da sociologia interpretativa e fenomenológica da escola de Chicago ter dedicado muito pouca atenção ao uso da imagem nos seus trabalhos. Não obstante, o mesmo autor refere um conjunto de fotógrafos que produziram estudos documentais de inspiração sociológica durante esse período.

primeiros sociólogos visuais contribuiu decisivamente para a incorporação da imagem no interior do trabalho sociológico, ainda que esse seu esforço tenha sido desvalorizado pelas orientações hegemônicas no campo de estudos e só recentemente as ciências sociais, no seu conjunto, se mostrem, apesar de tudo, um pouco mais disponíveis para incorporar os métodos visuais no seu arsenal de estratégias de produção de conhecimento.

Contemporaneamente a Hine, e mesmo antes do seu trabalho inaugural em sociologia, a antropologia assumia já a incorporação das fotografias e de outros suportes visuais (gravuras, esboços, desenhos) no conjunto dos materiais empíricos com trabalho. As descrições dos rituais e das práticas sociais das sociedades indígenas – trabalho etnográfico que, mais tarde, Clifford Geertz vai caracterizar e teorizar como “descrição densa” (Geertz, 1989 [1973]) – não são apenas verbalmente realizadas, como são acompanhadas de um acervo imagético volumoso.

As fotografias, por exemplo, são utilizadas como elemento importante da rememoração para o momento da escrita, são incorporadas na documentação apresentada nos trabalhos que se divulgam e são mesmo utilizadas com estratégia negocial para a entrada no campo e a procura de condições de colaboração na pesquisa. Claude Lévy-Strauss, por exemplo, conta que descobriu na sua função de fotógrafo o exercício de um papel social no interior das comunidades indígenas, que estudou na Amazônia e noutras regiões do Brasil, garantindo assim uma forma de internalização que, de outro modo, dificilmente obteria, ao mesmo tempo que construía a sua pesquisa, largamente documentada e preenchida com imagens fotográficas Lévy-Strauss (2000). Malinovsky tirou milhares de fotografias nos seus estudos de campo e publicou algumas centenas – Samain (1995) calcula que o autor publicou uma foto em cada sete páginas de texto, em média –, vindo a reconhecer no final da sua carreira, no entanto, que não deu o devido uso à imagem:

“Uma deficiência fundamental do meu trabalho de campo deve ser mencionada. Não dei a devida atenção às fotografias (...) Tratei a fotografia como se fosse uma atividade secundária, uma maneira – de certo modo menor – de agrupar ‘testemunhos’, ‘provas’, ‘evidências’. Foi um sério erro da minha parte.” (Malinowski, 1977 [1935]: 480)

Já Margaret Mead, por muitos reconhecida por ter sido pioneira, conjuntamente com o seu marido e companheiro de pesquisas George Bateson, no uso da imagem na

antropologia (e não apenas da fotografia, mas também de desenhos e esquemas produzidos para documentar visualmente observações efetuadas ou recolhidas junto dos seus informantes) denunciava um “esmagador *parti-pris* verbal da antropologia” (Mead, 1975:3), com fixação na linguagem verbal e pouca atenção dada a outras formas de expressão, aliás mais próximas das culturas (frequentemente ágrafas) que estudava.

Mas, embora tardiamente, e depois do trabalho de alguns pioneiros, também a Sociologia foi incorporando as metodologias visuais no seu repertório metodológico. Para isso contribui decisivamente a orientação interpretativista para o quotidiano e para as práticas sociais concretas (cf. sobre isso, entre outros, Harper, 1988; Knowles. & Sweetman, 2004; Pais, Carvalho & Gusmão, 2008; Martins, 2008; Pawells, 2011)). As correntes fenomenológicas, interacionistas simbólicas e etnometodológicas são as principais responsáveis pela incorporação dos métodos visuais, e, em especial, da fotografia, nos trabalhos sociológicos.

Não é por acaso que Ervin Goffman (1993) se constituiu como um defensor do uso da fotografia na investigação sociológica da vida quotidiana, na esteira de Hine, e que Howard Becker (1986) tenha abertamente debatido as virtualidades, mas também os riscos e as ilusões, do uso das metodologias visuais para falar acerca da sociedade. O uso da fotografia não é, de resto, ignorada na sociologia de orientação estruturalista ou crítica, mesmo se o uso das suas virtualidades metodológicas não é adequadamente posto em prática. Pierre Bourdieu, por exemplo, esteve sempre atento ao uso da fotografia, ainda que ela se venha a constituir na sua obra sobretudo como objeto sociológico, através da atenção dada ao ato de fotografar, ao estatuto do fotógrafo, à disposição cenarial e à cultura de preservação, guarda e transmissão do património fotográfico. Objetando radicalmente contra a ilusão da fotografia como imagem transparente do real, Bourdieu apresenta o processo social do fotografar como ato de inscrição social e cultural das marcas de classe no real. Toda a fotografia é interpretação e esta é socialmente produzida pelo “*habitus*” (cf. sobretudo, Bourdieu & Bourdieu, 1965, e Bourdieu, 1965).

No campo educativo, o acesso a informação visual é recorrente nos estudos de História da Educação, como fontes documentais de organizações educativas e de práticas educacionais do passado - registadas através da pintura ou, mais recentemente, da fotografia – e deste modo visibilizadas na sua especificidade. A título de exemplo, refiram-se as pinturas alemãs e flamengas que tão bem documentam as modalidades de

organização do processo educativo nos períodos anteriores à modernidade (utilizadas, por exemplo, no estudo da edificação histórica da educação escolar por João Barroso, 1995), ou o tratamento dado por António Nóvoa (1993) às caricaturas dos professores e da escola do princípio do século XX feitas por Rafael Bordalo Pinheiro).

A utilização de imagens na investigação em ciências da educação assume, normalmente uma das seguintes modalidades: i) utilização de pinturas, gravuras, caricaturas e fotografias como exemplos documentais de factos históricos ou de práticas educacionais; ii) recurso às imagens históricas como fontes primárias. Em qualquer destas modalidades, as ciências da educação assumem as gravuras ou fotografias como ilustração do discurso, sendo rara a produção de imagens próprias enquanto estratégia investigativa destinada a fazer das imagens um elemento estruturante do conhecimento em educação. No entanto, como vimos, é o diálogo entre linguagens verbal e iconográfica o que constitui o cerne das metodologias visuais: falar por imagens o que as palavras não chegam a conseguir dizer.

A reduzida frequência de investigações com recurso a metodologias visuais em ciências da educação é bem representada pelo facto de os manuais de metodologia com maior uso no campo não lhes dedicarem, em geral, qualquer espaço. E, todavia, a educação constitui um campo amplamente documentado do ponto de vista visual. Conhecemos melhor as práticas sociais – sobretudo as práticas estudantis - na escola republicana francesa do período entre as duas guerras pelas fotografias amplamente divulgadas de Robert Doisneau ou de Henry Cartier-Bresson (fotografias estas que, aliás, se podem constituir como fontes primárias insubstituíveis no estudo das culturas infantis no passado, aspeto largamente por explorar e desenvolver no âmbito dos estudos sociais da infância), bem como se nos tornam mais próximas as realidades da aprendizagem e das suas condições materiais de realização, nos mais diversos contextos culturais e geográficos, através das fotografias de escolas e de estudantes registadas por Sebastião Salgado em todo o mundo. As ciências da educação não fazem, porém, justiça devida ao uso de metodologias visuais.

A razão fundamental disso estará, porventura, na prevalência de orientações epistemológicas pouco abertas ao diálogo entre a linguagem verbal e a linguagem iconográfica, a reduzida abertura interdisciplinar a áreas científicas particularmente abertas ao uso das metodologias visuais, tais como os estudos culturais, os estudos feministas e os estudos pós-coloniais (isto apesar de, paradoxalmente, as ciências da

educação serem por natureza interdisciplinares), e o efeito de contágio que, tradicionalmente e na atualidade, este campo científico sofre da psicologia do desenvolvimento e dos seus métodos predominantes (escalas de avaliação, inquéritos por questionário e observação estruturada). Apesar de tudo, há exceções, que confirmam uma tendência geral refratária ao uso de metodologias visuais.

Exatamente o oposto se verifica no campo dos estudos da criança (ou, mais apropriadamente, dos estudos sociais da infância), onde os métodos visuais, designadamente as etnografias visuais, são bastante comuns<sup>3</sup>. Por isso mesmo, dedicaremos uma breve rubrica, mais adiante, ao uso dos métodos visuais neste campo de estudos.

### **Paradigmas e usos das metodologias visuais**

A aplicação dos métodos visuais não é sempre a mesma. Diferenciam-na as perspetivas paradigmáticas teórico-metodológicas e os tipos de uso na pesquisa. Quanto aos paradigmas teórico-metodológicos, referiremos os paradigmas positivista, interpretativo e crítico-participativo. Quanto aos usos, diferenciaremos os métodos focalizados em: produção de imagens como meios de pesquisa; utilização de imagens pré-existentes como fontes primárias; produção de imagem como meio de comunicação dos resultados de investigação.

Para o **paradigma positivista**, a construção das ciências sociais realiza-se tendo por objetivo a construção de leis gerais de funcionamento da sociedade e das suas instituições (perspetiva nomotética) e exige uma radical separação entre sujeito e objeto de conhecimento. Os factos sociais, as instituições, as práticas e os atores são objetivados, sendo evitada toda a interação interferente com o investigador. Este deve abdicar dos seus valores e pressupostos ideológicos ou morais e recolher a informação a partir de um ponto de vista que se pretende seja de neutralidade absoluta.

---

<sup>3</sup> Não existe nenhum levantamento de trabalhos científicos que usem metodologias visuais em Estudos da Criança. No entanto, e a título de exemplo, uma rápida passagem pelas teses e dissertações na especialidade de sociologia da infância do programa de Doutoramento em Estudos da Criança da Universidade do Minho permitirá confirmar esta tendência (consultar [www.repositorium.sdm.uminho.pt](http://www.repositorium.sdm.uminho.pt). Para uma abordagem de pressupostos teóricos e metodológicos da investigação visual com crianças cf. Thomson, 2008).

Nesta orientação epistemológica, a *construção* de imagens (fotográficas, videográficas, cinematográficas, hipermédia ou outras) não é viabilizada em nome da impossibilidade da não interferência; em contrapartida, a *utilização* de imagens (nomeadamente de arquivos ou de espólios individuais ou coletivos) pode ser realizada, assumindo um carácter essencialmente documental. A imagem não é tida como algo elaborado e a sua recolha e seleção como um ato interpretativo por onde perpassa inevitavelmente a subjetividade do investigador, mas antes é percecionada como um recorte do "real" que se impõe na sua materialidade visual e que "fala por si". A imagem é um "dado" suscetível de tratamento analítico, nomeadamente através de processos de quantificação, com vista a garantir a sua comensurabilidade e adequação.

A tradição positivista é objeto de críticas severas (cf. Becker, 1987) que sublinham o carácter não natural da imagem. Esta não é nunca um "dado", mas um "construído", no sentido de que a sua realização resulta da manipulação, do recorte e da apreensão parcial do real pelo sujeito que capta, foca, recolhe, enquadra, seleciona e interpreta o que vê. Do mesmo modo, a análise da imagem é um ato interpretativo que não que não visa a "objetividade" do real visualizado, mas se constitui como discurso que procura dar a ler possibilidades de articulações da imagem com a realidade social, inteligíveis apenas a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos e dos respetivos dispositivos postos em ação pelo investigador. A ilusão positivista, em suma, consiste em confundir o real do reflexo, que a imagem é, com o reflexo do real, que ilusoriamente é suposta ser. Uma desconstrução crítica da visão positivista da imagem e da sua utilização no trabalho sociológico é realizada por Pierre Bourdieu. O sociólogo francês desmonta a interpretação idealista da fotografia como um ato de um indivíduo desencarnado, para assinalar precisamente o carácter socialmente construído da produção da imagem. Afirma Bourdieu:

"O grupo subordina esta prática [fotografia] à regra coletiva, de tal maneira que qualquer fotografia exprime, para além das intenções explícitas de quem a tirou, o sistema dos esquemas de perceção, de pensamento e de apreciação comum a todo o grupo." (Bourdieu, 1965: 24)

A análise sociológica da fotografia e do ato de fotografar feita por Bourdieu pode ser alargada ao ato de investigar recorrendo à fotografia e a outras técnicas visuais.

Para o **paradigma interpretativo**, a imagem é um objeto comunicativo construído a partir de um ponto de vista particular, que exprime uma realidade social. Consiste, portanto, num ato de inscrição, sob forma de imagem, de uma interpretação socialmente determinada do real.

Deter-nos-emos com um pouco mais de vagar neste paradigma, por se configurar como o mais relevante, do nosso ponto de vista, na tematização da investigação social sustentada em metodologias visuais.

A imagem é simultaneamente um artifício e um artefacto: artifício porque ela resulta de um processo de seleção, recorte e fixação de uma parcela do real; artefacto porque atualiza uma capacidade de configuração técnica desse ato de fixar impressões visuais. Ela é, geralmente, o produto de um indivíduo, inserido num grupo, multiplamente condicionado pelos diversos “círculos sociais” de inserção social e de socialização. Do mesmo modo, a imagem trabalhada (recolhida/realizada) na investigação exprime prioritariamente o ponto de vista do investigador, dos quadros teóricos e epistemológicos a partir dos quais conduz a sua pesquisa, dos seus valores sociais e da sua visão do mundo.

O carácter artificioso e artefactual (o “*bricolage* do social”, para utilizar a expressão de Claude Javeau, 2001), da investigação sociológica com imagens exprime-se:

- i) na seleção do objeto, seja do objeto de pesquisa, seja das imagens que se mobilizam para a pesquisa;
- ii) no enquadramento teórico e metodológico e na definição do *design* e das estratégias metodológicas, nos quais as imagens são chamadas a realizar uma função específica;
- iii) na relação com os outros atores sociais presentes no “terreno da pesquisa”, os quais são igualmente competentes na produção de imagem, seja ela fotográfica, videográfica, cinematográfica, hipermédia ou outra;
- iv) no trabalho analítico, na seleção dos seus procedimentos e dos seus dispositivos e na interpretação da imagem;
- v) no uso social da investigação e na sua ética.

Todas estas ações são profundamente subjetivas, no sentido de que dependem da ação do sujeito pesquisador, inserido numa comunidade social e académica, e que em todos



os momentos assinala com a sua marca autoral (isto é com a projeção do seu *ethos* interiorizado) o trabalho científico. Ora, a subjetividade da produção da imagem é homóloga da subjetividade inerente à produção do discurso. Mas o trabalho científico tem no seu horizonte a preocupação da comunicação intersubjetiva (vulgo, a objetividade e a universalidade) e está sujeito à prova. Os procedimentos correspondentes ao controlo do mero impressionismo subjetivista e o ato de se submeter à possibilidade da refutação das interpretações - isto é, a submissão ao contraditório - exige um trabalho epistemológico rigoroso, com várias componentes. Referir-nos-emos a isso mais adiante. Por agora, importa referenciar o que designamos por paradigma crítico-participativo.

Para o **paradigma crítico-participativo**, a investigação sustentada em metodologias visuais resulta de um processo de partilha de poderes no processo de conhecimento. Este, por sua vez, orienta-se para uma intenção de transformação social, visando a emancipação social. Inspiradas e sendo parte integrante das metodologias participativas e críticas, as metodologias visuais crítico-participativas organizam-se em torno de um investigador coletivo, constituído pelas comunidades mobilizadas em processo de transformação e emancipação, na qual se inclui o ou os investigadores academicamente implicados. Conhecer e transformar a realidade social são, neste quadro, componentes indissociáveis, ainda que discerníveis nas suas configurações técnicas e práticas. Porém, o poder de decidir o que fazer na investigação não é exclusivo de um investigador individualizado, mas é inerente ao investigador coletivo e, portanto, partilhado entre os indivíduos implicados no processo de pesquisa.

Nesta conformidade, não há um único investigador com o poder de produzir imagens, mas, pelo contrário, a produção das imagens pelos participantes pode ser, precisamente, um meio de partilha de poder. Parte-se do princípio de que o investigador coletivo conhece mais que o investigador individual. Assim sendo, é atribuído ao investigador coletivo o poder de conceber, planear e executar a recolha das imagens.

Mas não é apenas na produção de imagens que se materializa a dimensão participativa. Igualmente no trabalho de análise e interpretação das imagens tem lugar a partilha de poderes. O resultado final é, por isso, a expressão de uma autoria coletiva, mesmo se a referência ao exercício de funções individuais não é excluída. Especialmente desenvolvida no interior da sociologia feminista e no âmbito da investigação em meios artísticos e culturais (cf. Pink, 2007: 15 e seguintes), a investigação participativa com

recurso a metodologias visuais tem também importantes desenvolvimentos no âmbito da sociologia da infância (cf. Alderson & Morrow, 2011). A investigação participativa com imagens potencia o texto polifónico, aberto à diferença e promotor da dissonância e exploração de novos sentidos.

Relativamente aos **usos**, as metodologias visuais podem ser classificadas pelas práticas de uma ou de várias das seguintes modalidades combinadas: i) produção de imagens; ii) utilização de imagens pré-existentes; iii) produção de imagens para comunicação dos resultados de investigação. Dedicaremos uma breve atenção a cada uma delas, por ordem inversa desta apresentação.

A terceira destas modalidades tem um reduzido reconhecimento académico. Não obstante, tem vindo a ser teorizada por associações como a International Visual Sociology Association e apresenta algumas consistentes propostas de renovação da comunicação científica (cf. Coover, 2011). A proposta inerente a esta modalidade reside na possibilidade de substituir o registo exclusivamente escrito dos trabalhos científicos por outro tipo de bases comunicacionais e de linguagens. As possibilidades abertas pela computação gráfica e as novas tecnologias de comunicação favorecem a procura de formas de transmissão de resultados científicos com virtualidades para ampliar a densidade da informação e o envolvimento dos destinatários. Acresce a possibilidade de se promover, através da comunicação mediática interativa, formas inusitadas de participação dos destinatários no debate do trabalho de investigação. Há, ainda, a juntar a estas potencialidades a de, no quadro de investigações conduzidas pelo paradigma crítico-participativo, o sujeito coletivo encontrar formas de comunicação, através da imagem, que lhe são inacessíveis pelo lado da linguagem verbal, especialmente se tivermos em linha de consideração que os integrantes do referido sujeito coletivo pertencem predominantemente a grupos subalternos, como imigrantes, crianças e jovens em rutura com a instituição escolar, camponeses, populações étnicas minoritárias, etc. O pressuposto epistemológico fundamental desta modalidade do uso das metodologias visuais é de que a imagem pode transmitir conhecimento e não apenas ser a fonte de um conhecimento só apreensível através da linguagem verbal (cf. Chaplin, 1994). De acordo com este pressuposto, o sujeito coletivo, mesmo se pouco familiarizado com a linguagem académica, é socialmente competente para produzir conhecimento e para o comunicar, através do domínio de outros meios.

A segunda das modalidades referenciada – utilização de imagens de arquivo ou documentais - é, de longe, a que é mais usual e é passível de ser realizada a partir de uma orientação paradigmática qualquer que ela seja. O recurso à imagem, sobretudo numa perspectiva de ilustração e documentação, em trabalhos académicos e em investigação científica, encontra-se suficientemente divulgado, ainda que o tratamento da imagem, a partir dos seus códigos iconográficos, não seja frequente.

A primeira das modalidades – a produção de imagens de investigação – constitui, porventura, a principal e mais importante das formas de uso das metodologias visuais, aquela que é mais problemática, a que mobiliza maiores cuidados e a que coloca maiores exigências éticas<sup>4</sup>. As referências feitas atrás, a propósito das relações entre linguagens verbal e iconográficas e das potencialidades da imagem para a produção de conhecimento científico, encontram nesta modalidade plena propriedade. Os comentários a que procederemos de seguida sobre o uso das metodologias visuais nos estudos da criança ilustram, de forma específica, algumas das questões que se colocam na produção de imagens para investigação.

### **Metodologias visuais e estudos da criança**

A utilização das metodologias visuais em estudos sociais da infância<sup>5</sup> decorre, desde logo, do facto das crianças não deterem capacidade de expressão verbal idêntica à dos adultos. “*Ouvir a voz das crianças*” – desiderato teórico e metodológico sempre presente na investigação com crianças – implica, desde logo, o recurso a metodologias apropriadas às características dos sujeitos de pesquisa. Se os métodos observacionais, em geral, e etnográficos em particular, se têm constituído como os de mais alargada aplicação, visando dar conta da ação das crianças, pela possibilidade de acesso à linguagem corporal, ao movimento, ao fluxo das interações e à sequência das práticas sociais num espaço-tempo infantil determinado, essa observação pode ser potenciada

---

<sup>4</sup> Conferir, a este propósito, o Código de Ética da International Visual Sociology Association: <http://visualsociology.org/about/ethics-and-guidelines.html>

<sup>5</sup> Utilizamos, indiferentemente, as expressões “estudos sociais da infância”, “estudos da infância” ou “estudos da criança” para referenciar o campo inter e multidisciplinar, emergido no final do século passado, de conhecimento centrado na criança e na infância e produzido a partir dos mundos sociais e culturais da criança. Apesar da quase equivalência semântica destas expressões, há diferenças na definição do objeto e nas orientações teóricas, no plano internacional, entre, por exemplo, os “social childhood studies” e os “childrens studies”, que não cuidaremos de aprofundar aqui.

pelo recurso à gravação vídeo ou à fotografia, sendo, deste modo, produzida uma importante informação visual para análise e interpretação. A imagem constitui-se, pois, como indissociável da investigação sobre e com crianças que procura ressaltar a sua identidade e alteridade (cf. Thomson, 2008; Faulkner & Coates, 2011)

Para além da informação videográfica ou fotográfica, os desenhos das crianças constituem outra importantíssima fonte de informação visual. As crianças têm no desenho, até ao início da adolescência e desde bebés, uma das suas mais importantes formas comunicacionais e expressivas. O estudo dos desenhos das crianças tem-se constituído, por isso, como uma importante estratégia investigativa dos processos de desenvolvimento infantil, ou é muito usual na análise psicanalítica das formas de individualização. A antropologia, desde Margaret Mead, utiliza desenhos das crianças nas suas coletas de dados. Não é tão comum, porém, a análise sociológica dos desenhos infantis. No âmbito da nossa investigação sobre as práticas simbólicas das crianças, temos feito recolhas sistemáticas de desenhos de crianças, que subtemos a uma análise sociológica, visando a identificação de uma tripla dimensão: i) os desenhos como expressão individual de um sujeito de cultura; ii) os desenhos como revelação de códigos formais socialmente construídos pela pertença da criança que desenha a esferas de inserção social; iii) os desenhos como marca cultural geracional, através da inscrição gráfica das gramáticas das culturas infantis (Sarmiento, 2007 e 2011).

Na análise dos desenhos infantis tem ganho espessura e relevância o conceito de “narrativa criativa” ou “narrativa gráfica” (Faulkner & Coates, 2011). Este conceito é relevante não apenas porque nos diz que os desenhos das crianças *contam uma história* - não sendo, por isso, como erroneamente por vezes se faz crer, impulsionados por um qualquer impulso de representação realista, mas, pelo contrário, resultam da imaginação transfiguradora do real que a criança põe em prática através das linhas ou das cores que seleciona e inscreve no papel – como, também, porque nos induz à interpretação dos desenhos como uma linguagem, isto é como a atualização criativa e sempre renovada de códigos expressivos e comunicacionais gráficos. As metodologias visuais nos estudos da criança encontram no conceito de narrativa gráfica um importante recurso, na medida em que ele favorece a hermenêutica das formas culturais de constituição das crianças como sujeitos de cultura e atores sociais.

As narrativas gráficas são frequentemente acompanhadas de processos de verbalização. Se é verdade que a cuidadosa audição do que as crianças dizem enquanto estão

envolvidas em atividades criativas nos pode permitir o acesso às fontes e influências das suas formas gráficas e aos sentidos que lhes atribuem (cf. Coates & Coates, 2011), nem sempre é possível realizar essa audição. A linguagem gráfica das crianças não depende da expressão verbal e a interpretação dos desenhos infantis, uma vez balizadas as condições subjetivas e objetivas da sua produção, pode ser feita, com um elevado controlo dos riscos de ambiguidade, na pressuposição de que qualquer ato comunicativo é polissémico e, portanto, suscetível de várias interpretações simultâneas. Em todo o caso, o levantamento e estudo do diálogo entre formas expressivas diferenciadas pode contribuir para um estudo mais centrado nas crianças e menos enviesados por olhares adultocêntricos.

Um importante suporte teórico ao trabalho de interpretação dos desenhos infantis é dado pelo conceito de intratextualidade” proposto por Wright (2007). O autor analisa as formas de comunicação das crianças, que é multiforme, sendo simultaneamente, não verbal e verbal. A comunicação não-verbal consiste no retrato gráfico propriamente dito e na expressão cinestésica corporal. A comunicação verbal associa-se por vezes à comunicação não-verbal através da utilização da voz para relatar o desenho e os seus componentes, o que frequentemente inclui a utilização de onomatopéias. Deste modo, configura-se o “desenho-falado”. A intratextualidade consiste precisamente no vaivém comunicacional entre formas verbais e não-verbais, através da qual as crianças, recorrendo a outras estratégias comunicacionais, amplificam a mensagem veiculada no desenho. Isso é feito pelo trânsito entre símbolos, palavras, imagens, sons e gestos no decurso da realização do desenho. Se a “nomeação” do que se desenha - isto é, a verbalização do que a criança está a inscrever no papel pelas linhas que traça - é uma das estratégias mais comuns, a “rotulagem” assume características particulares. Trata-se, neste caso, da inscrição de mensagens verbais no desenho, através de grafias textuais que têm muitas vezes a função de explicar o conteúdo da ilustração. Igualmente, os “balões discursivos” e “linhas de movimento”, estas muitas vezes acompanhadas da mimetização gestual, permitem à criança desafiar algumas das dificuldades representacionais do desenho, como seja a de as linhas gráficas exprimirem sons ou dinâmicas de transição espacial; através dessas formas, e da sua complementaridade intratextual, a criança obtém efeitos sinestésicos (isto é, exprime por formas visuais elementos sensoriais auditivos) e insere o movimento na representação estática. Com a “encenação dinâmica”, a criança assume-se como narradora e/ou personagem de

histórias interativas que extravasam as formas desenhadas, mas partem delas e a elas regressam.

A possibilidade do estudo das expressões comunicativas das crianças a partir do diálogo entre diferentes formas comunicacionais (verbais, gestuais, icônicos) e entre distintos códigos, releva a importância das metodologias visuais se articularem com outras metodologias, o que contribui poderosamente para que a investigação em estudos da criança seja densa, complexa e compósita, desafiadora da imaginação metodológica do investigador e propiciadora, em geral, trabalhos científicos profusamente ilustrados e visualmente muito sugestivos.

### **Procedimentos de aplicação das metodologias visuais**

Passaremos a apresentar, sinteticamente, alguns aspetos estruturantes dos procedimentos a ter com o uso das metodologias visuais.

Na verdade, não há uma diferença fundamental, do ponto de vista procedimental, entre a utilização de metodologias visuais e quaisquer outra estratégia metodológica, salvo no domínio técnico dos instrumentos de recolha de imagens (no caso sobretudo de imagens fotográficas e videográficas) e nos cuidados éticos específicos que a realização, análise e utilização de imagens coloca.

Importa, no entanto, antes de mais recordar que as metodologias visuais não são, pelo menos numa perspectiva não positivista, meros auxiliares documentais. São processos de produção do conhecimento. Assim sendo, como qualquer outra metodologia, o recurso a imagens como fonte de conhecimento exige o percurso detalhado e coerente de todas as etapas de investigação:

- i) **Planeamento.** O desenvolvimento da pesquisa implica uma cuidada definição da matriz teórica e da perspectiva epistemológica em que se investiga. Ambas marcarão todos os momentos da investigação. As diferentes subetapas e tarefas exigem a adequação teórica e epistemológica e os princípios da coerência, da coordenação e da relevância determinarão a sequência temporal da pesquisa e a articulação entre as suas componentes. Em síntese, a definição rigorosa da matriz teórica e do lugar da imagem e da cultura visual dentro dessa matriz constitui o aspeto nuclear da fase de planeamento.

- ii) Trabalho de campo. As metodologias visuais têm numa das suas modalidades mais expressivas, como vimos, uma forte vinculação tradicional com estudos observacionais e, especialmente, com a etnografia. Todos os cuidados relativos à dialética de internalização e de externalização no campo social onde se investiga são aqui exigidos, bem como a adoção dos respetivos procedimentos mais adequados. No trabalho de terreno, ganham também grande relevância os princípios éticos. Estes têm especificidades (ver nota 4), relativas à obtenção do consentimento informado para obtenção e utilização das imagens; à definição de limites e restrições de captação ou circulação das imagens; aos critérios de utilização pública; à propriedade; à devolução da imagem, nomeadamente aos sujeitos fotografados, no caso da fotografia ou vídeo.
- iii) Análise e interpretação. Ainda que as metodologias de análise de conteúdo e de análise de discurso possam ser adequados para a triagem, codificação, organização do material e interpretação das fotografias, vídeos, desenhos ou outros suportes visuais, o recurso a metodologias iconográficas e iconológicas de análise dos códigos visuais podem ser exigidos, considerando a especificidade dos materiais empíricos sob escrutínio (cf. sobre isto, Muller, 2011). Nesta etapa de investigação, mais do que nas outras, a reflexividade metodológica, entendida como ato de pensar a pesquisa a partir do lugar da sua produção, torna-se essencial. Se a subjetividade é inerente à produção da investigação, a reflexão contínua sobre o lugar do sujeito produtor da pesquisa é determinante para desnaturalizar a imagem, para definir as condições do seu enquadramento e da sua interpretação e para submeter esta última à possibilidade do contraditório, condição essencial do trabalho científico. De igual modo, a triangulação de métodos, de fontes (e quando possível) de interpretações das imagens favorecerá a fiabilidade da investigação.
- iv) Escrita e apresentação do relatório de investigação. A organização argumentativa não pode nem deve fazer economia dos materiais visuais. A reprodução gráfica, não apenas de fotografias e gravuras, mas também de materiais videográficos, vídeos e hipermédia, é constitutivo do discurso científico. Mesmo que não adotemos a modalidade de comunicar

cientificamente o conhecimento (sobretudo) através de imagens, a integração destas numa estratégia discursiva é absolutamente indispensável.

As metodologias visuais podem ser utilizadas em exclusividade ou em articulação com metodologias não visuais. A definição do *design* de investigação não obriga ao recurso exclusivo a uma estratégia metodológica. Pelo contrário, as metodologias compósitas configuram-se com uma forma de conceção do *design* investigativo com grandes potencialidades.

Finalmente, as metodologias visuais exigem do investigador um conjunto de atributos que não são espontâneos, mas carecem de formação e amadurecimento. Desde logo, capacidade científica, indispensável à definição de qualquer plano ou projeto de investigação; não é nunca despreciando o conhecimento da tradição do método e o domínio das controvérsias e debates sobre o seu uso. Isto, claro, além da maturidade do conhecimento da área das ciências sociais ou da educação em que se investiga. Em segundo lugar, qualidade técnica, sobretudo no caso em que a investigação exige a produção de imagens. Ainda que a investigação possa ser feita com o recurso a equipas multidisciplinares, procedendo-se, assim, a uma divisão de trabalhos de pesquisa favorável ao apuramento técnico na realização do trabalho de campo, a verdade é que as condições reais de realização da investigação exigem frequentemente que o investigador possa contar apenas consigo próprio. O apuramento técnico na recolha de imagens fotográficas ou videográficas, por exemplo, torna-se assim indispensável. Esse apuramento não dispensa, antes é condição do sentido estético que, inevitavelmente, é também jogado na produção e utilização de imagens, também no trabalho científico. O sentido ético e o escrupuloso respeito dos seus princípios constitui, em terceiro lugar, uma exigência de base. E, em quarto lugar, a sensibilidade interpretativa, tanto maior quanto maior for a correspondente racionalidade analítica, moldada no domínio teórico, torna-se absolutamente indispensável na investigação conduzida através de metodologias visuais.

Como em qualquer outra metodologia, afinal...

## **Conclusão**



Apesar de não fazerem parte do repertório metodológico “*mainstream*” das ciências sociais e da educação, as metodologias visuais têm uma tradição que se ancora no tempo e uma história suficientemente rica para não ser ignorada.

Naquela que já foi chamada como “civilização da imagem”, seria natural que as metodologias visuais encontrassem novas oportunidades de ressurgimento e expansão. No entanto, e de modo algo paradoxal, não é tanto por ir ao encontro do espírito dos tempos que hoje se invocam as metodologias visuais em ciências sociais e da educação. Se a cultura visual tem uma forte ligação com a publicidade e com a profusão de mensagens visuais globais pela internet e pelas redes sociais, não é a vinculação à contaminação mediática do imaginário coletivo que as metodologias visuais vão procurar os seus fundamentos. Como testemunha o uso das imagens na investigação em estudos da criança – que aqui sumariamente identificamos – é na investigação em ciências sociais mais próxima das margens, das condições sociais oprimidas e das populações subalternas que mais fortemente se tem revelado o emprego da imagem como fonte de conhecimento: nos estudos multiculturais, nos estudos pós-coloniais, nos estudos *queer*, nos estudos das “tribos urbanas”, nos estudos feministas e nos estudos culturais. Trata-se, na verdade, de um esforço de resgatar, também pela imagem, a dominação ideológica e das formas gráficas estereotipadas e difusoras do pensamento único.

As metodologias visuais são particularmente apropriadas para dar voz a quem não tem voz e capacidade comunicativa a quem não domina os códigos sofisticados da comunicação académica.

Afinal, as metodologias visuais têm em si mesmas as possibilidades de renovar a tradição de onde emergiram. Se Lewis Hine descobriu na fotografia uma forma de contar as histórias frequentemente inenarráveis da exploração do trabalho infantil, das populações imigrantes e dos operários da construção civil, a utilização contemporânea das metodologias visuais nas ciências sociais e da educação pode reencontrar essa vocação original da ciência socialmente implicada: acrescentar verdade contra a contaminação ideológica, beleza contra a poluição gráfica, justiça contra a desigualdade e a dominação social.

## Referências

- Alderson, Priscilla & Morrow, Virginia (2011). *The ethics of research with Children and Young People: a Practical Handbook*. London, sage.
- Barroso, João (1995), *Os Liceus. Organização Pedagógica e a Administração (1836/1960)*, 2 volumes, Lisboa, F.C. Gulbenkian/JNICT.
- Becker, Howard (1986). *Doing Things Together*. Evanston. Northwest University Press.
- Bourdieu, Pierre (1965). “Introduction”, in P. Bourdieu, L. Boltansky, M. Castells, J.-C. Chamboredon, *Un Art Moyen, Recherche sur les Usages Sociaux de la Photographie*. Paris. Minuit
- Bourdieu, Pierre & Bourdieu, Marie-Claire (1965). Le paysan et la photographie. *Revue Française de Sociologie*, 6-2 : 164-174.
- Campos, Ricardo; Brighenti , Andrea M. & Spinelli, Luciano (2011), “Introdução”, in Campos, Brighenti & Spinelli (org.), *Uma Cidade de Imagens: Produções e consumos visuais em meio urbano* (1-12). Lisboa. Mundos Sociais.
- Chaplin, Elisabeth (1994). *Sociology and Visual Representation*. London. Routledge
- Coates, Elizabeth & Coates, Andrew (2011), “The subjects and meanings of young children’s drawings”, in Faulkner, Dorothy & Coates, Elizabeth (ed.), *Exploring Children’s Creative Narratives* (86-110). London, Routledge.
- Coover, Roderick (2011). Interactive Media Representation, in E. Margolis & L. Pauwels (eds.). *The Sage Handbook of Visual Research Methods* (619-638). London. Sage.
- Faulkner, Dorothy & Coates, Elizabeth (ed.) (2011), *Exploring Children’s Creative Narratives*. London, Routledge.
- Geertz, Clifford (1989[1973]). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Guanabara.
- Goffman, Ervin (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa, Relógio de Água.
- Harper (1988) Visual Sociology: Expanding Sociological Vision. *The American Sociologist* 19(1): 54–70.
- Hine, Lewis (1980 [1909], “Social Photography, How the Camera May Help in the Social Uplift,” in A. Trachtenberg (Ed.), *Classic Essays on Photography* (109-113). New Haven, Leete’s Island Books.
- Javeau, Claude (2001). *Le Bricolage du Social. Un Traité de Sociologie*. Paris. PUF
- Knowles, Caroline & Sweetman, Paul (2004) (eds), *Picturing the Social Landscape. Visual Methods in the Sociological Imagination*. London, Routledge.

- Levy-Straus, Claude (2000). *Tristes Trópicos*. São Paulo. Companhia das Letras.
- Malinowski, Bronislaw (1977 [1935]). *El cultivo de la tierra y los ritos agrícolas en las Islas Trobriand*. Ed. Labor. Barcelona.
- Martins, José de Souza (2008). *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo. Contexto.
- Mead, Margaret (1975) “Visual Anthropology in a discipline of words”, in: Paul Hockings (Ed.), *Principles of Visual Anthropology* (3-10). The Hague: Mouton de Gruyter (ed. utilizada: 2003).
- Muller, Marion G. (2011) “Iconography and Iconology as a Visual Method and Approach”, in E. Margolis & L. Pawells (Ed.). *The Sage Handbook of Visual research Methods* (283-297). London. Sage
- Pais, José Machado; Carvalho, Clara; Gusmão; Neusa Mendes (2008). *O Visual e o Quotidiano*. Lisboa. ICS
- Pawels, Luc (2011). “An integrated conceptual framework for Visual Social Research”, in E. Margolis & L. Pawells (Ed.). *The Sage Handbook of Visual research Methods* (3-23). London. Sage
- Nóvoa, António (1993). *Os professores e as Reformas de ensino na viragem do século (1886-1906)*, Porto. Asa
- Pink, Sarah (2007). *Doing Visual Ethnography*. (second edition) Los Angeles. Sage
- Rose, Gillian (2001). *Visual Methodologies*. London. Sage.
- Sarmiento, Manuel Jacinto (2007). “Interculturalidade nas Culturas Infantis”, in Leni Dornelas (org.) *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*, (19-40).Petrópolis. Vozes.
- Sarmiento, Manuel Jacinto (2011). “Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas”, in A.J. Martins Filho & P.D. Prado (orgs), *Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância* (27-60). Campinas, Autores Associados.
- Samain, Etienne (1995). “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 2: 23-60
- Stanczak, Gregory C. (2007). *Visual Research Methods: Image, Society and Representation*. London. Sage.
- Thomson, P. (Ed.). (2008). *Doing Visual Research with Children and Young People*. London: Routledge.
- Wright, Susan (2007). Young children's meaning-making through drawing and 'telling': Analogies to filmic textual features. *Australian Journal of Early Childhood*, vol. 32, Nº4: 37-49.